

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – LICENCIATURA**

JANI JAXUKA VERISSIMO

A IMPORTÂNCIA DA CESTARIA GUARANI *MBYA* DO RIO DA LEBRE *TAPIXI*

**LARANJEIRAS DO SUL
2021**

JANI JAXUKA VERISSIMO

A IMPORTÂNCIA DA CESTARIA GUARANI *MBYA* DO RIO DA LEBRE TAPIXI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Eloá Gehlen

LARANJEIRAS DO SUL

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Verissimo, Jani Jaxuka

A IMPORTÂNCIA DA CESTARIA GUARANI MBYA DO RIO DA
LEBRE TAPIXI / Jani Jaxuka Verissimo. -- 2021.
46 f.:il.

Orientadora: DOUTORA Maria Eloá Gehlen

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo:
Ciências Sociais e Humanas, Laranjeiras do Sul, PR,
2021.

1. cestaria; valorização; resistência; cultura;
Guarani Mbya.. I. Gehlen, Maria Eloá, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul.
III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFScom os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

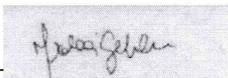
JANI JAXUKA VERISSIMO

“A IMPORTÂNCIA DA CESTARIA GUARANI *MBYA* DO RIO DA LEBRE TAPIXI”

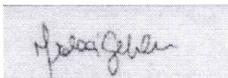
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 07 de outubro de 2021, em razão da Pandemia do Coronavírus e determinação legal da UFFS, eu Maria Eloá Gehlen assino por todos os membros da Banca Examinadora.

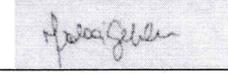
BANCA EXAMINADORA:



Profª. Dra. Maria Eloá Gehlen (UFFS) Presidente / Orientadora



Prof. Dra. Patrícia Guerrero (UFSC) Avaliadora



Prof. Dr. Fabio Pontarolo (UFFS) Avaliador

DEDICATÓRIA



Foto da cestaria VARAI 'I

Mensagem que deixo para os leitores *mbya*

Ayngui ma nhanderexaipa ma opa mba' e ipora jareko va' e gui, jurua kuery oipe'a pa ma heravy mbegue rupi, anike nhanekangy 500 ma' ety ma onha' a okuapy nhanemomba ha' e omomba agua agua nhadereko va' eri nda' ipo' akai nhanderu nhandere pavê re oma' e ramo ae ma. Há' e nunga rupi nda' evei nhandereko nharoxi agua, nharombaraete há' e nhandepy' a guaxu katu opa mba' e jaxa jaje' o'i agua.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os artesãos guaranis *Mbya* que aceitaram dar entrevistas e fazer-me conhecer mais da minha cultura ancestral.

Especialmente por este presente trabalho a respeito da cestaria que realizei na comunidade *Tapixi*, com muito orgulho e carinho, por estar falando sobre uma parte da cultura *Mbya*. É um trabalho dedicado aos *Mbya* educadores, educandos, comunidade, jovens e futuras gerações. Que este trabalho possa contribuir para dar força aos futuros militantes indígenas *Mbya* que irão à luta para fortalecer o nosso patrimônio cultural. Que possa servir para futuros acadêmicos como um incentivo para ir na busca de conhecimento e, com isto, buscar fortalecer os direitos que foram conquistados com muita luta, e resistência que continuemos a resistir desafios e incertezas a cada momento em que gritamos pela nossa liberdade como uma nação Guarani *Mbya*.

RESUMO

O foco desta pesquisa é demonstrar o jeito de viver dos Guarani *Mbya* e o que está levando os jovens indígenas Guarani *Mbya*, de hoje, a não praticarem artesanato, ou seja, a cestaria Guarani *Mbya*. Por que não estão sendo passados, dos pais para os filhos, esses ensinamentos? Assim, busco compreender esse problema que se encontra na aldeia. Além disso o intuito também é apresentar a importância que tem para os Guarani *Mbya* a cestaria e por que ela é uma das formas de se identificar como *mbya*, o que hoje está sendo pouco valorizado. Quero também deixar explícito, por meio da escrita, pois ela contribuirá para ser efetuado material didático na escola da aldeia Guarani. A Metodologia é qualitativa, com pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com seis indígenas guarani que fazem artesanato, em um estudo de caso, além de visitas nas casas da aldeia. A conclusão é de que a cestaria (*varai para'i*) está deixando de ser importante porque os *mbya* da comunidade não mais conhecem o que faz parte da sua identidade cultural, assim como os pais que são artesãos não estão passando e ensinando a seus filhos, o que é uma parte da cultura milenar que praticamente está se perdendo e não está sendo preservada. Há necessidade de oficinas de artesanato guarani na escola, como meio de resistência dessa cultura milenar.

Palavras-chave: cestaria; valorização; resistência; cultura; Guarani *Mbya*.

NHEMOMBE'UA

kova'e pesquisa ma oexauka agua mba' exa pa guarani mbya kuery ikuaia ha' e mba' ere tu kunumingue ayngua tembiapo ndojapovei okuapy. Mba' e re tu tuu kuery nombo' evei gua' y kuery? Há' e rami vy aikuaa porá vexe kova' e problema oia tekoea py. Há' e gui amombe' u agua varai para' i importância oia guarani mbya kuery pe há' e gui mbya jaikoa oikuaakaa va' eri ay ma nanhambovare vei ma. Há' e gui aejaxe explicito iparaa rupi, mba' eta ovare ra material didático rami mbya kuery pe nhembo' eaty py. Metodologia ma qualitativa ra, pesquisa bibliográfica há' e entrevistas semi estruturadas cinco mbya reve tembiapo ojapo va' e, há' e gui visitas oo rupi. Conclusao ma varai para' i importante noi veima mba' eta mbya kuery tekoea ikuai va' e kuery, ndoikuavei ma identidade cultural nhamemba' ea, há' e gui tuu kuery tembiapo ojapo va' e nombo' evei ma gua'y kuery, petei parte praticamente nhamokanhy ma. Oata guive oficinas tembiapo mbya kuery mba' e régua nhembo' eaty py nhamombaraete gua kova' e cultura milenar.

Ayvu ijypya: varai para'i; nhamboekoa; nhamembaraetea; Guarani Mbya.

ABSTRACT

This research's main purpose consists of demonstrating the *Mbya* Guarani's lifestyle, and what is taking native young *Mbya* Guarani to stop handcrafting nowadays, especially when it comes to the Guarani *Mbya* basketry. Why are the traditions not being carried over by parents and children? Thus, I aim to understand this issue in the Rio da Lebre village. Another of my intentions is to present the importance of basketry to the Guarani *Mbya*, and why it is a *Mbya* way of identification that has lost its appreciation over time. I also want to make it all explicit through writing, since it will contribute to didactic material production in the Guarani village's school. The research methodology is qualitative, that consists of a case study, literature review and semi structured interviews with six Guarani native people who produce crafts, besides visits to some houses in the village. The conclusion highlights that basketry (*varai para'i*) has been losing its importance because the *mbya* who live in the community do not know what constitute their cultural identity anymore, and handcrafters are not teaching their art to their children, which is a millenary culture and is not being preserved. In brief, there is a need for Guarani handcraft workshops at school as a way of resistance of this millenary culture.

Keywords: basketry; appreciation; resistance; culture; Guarani *Mbya*.

LISTA DE VOCABULÁRIO EM GUARANI MBYA

<i>ARA PYAU</i>	primavera ou tempo novo (<i>ara</i> : dia, tempo, <i>pyau</i> : novo)
<i>AVAXI ETE'I</i>	milho-pururuca
<i>AVAXI JUKAA REVE GUA</i>	milho transgênico
<i>AVAXI KU' I</i>	milho torrado e socado
<i>AVAXI MBIXY</i>	milho assado na brasa
<i>AVAXI TUPI</i>	milho amarelo
<i>AVAXI XII</i>	milho branco
<i>EI'I/ MBOJAPE'I</i>	alimento sagrado feito de milho que acompanha a cerimônia de batismo do milho
<i>GUEMBEPI</i>	cipó-imbira
<i>GUYRAPA' I</i>	flechas pequenas
<i>HU' IXI</i>	farofa de milho socado ou de fubá (sem sal)
<i>HUVIXA</i>	cacique
<i>IRAITY</i>	cera de abelha utilizado pelos artesãos para fabricação de artesanato como cola
<i>JAXY-NHEPYTU</i>	lua minguante
<i>JETY</i>	batata-doce
<i>JURUA</i>	não indígena
<i>KA'A NHEMONGARAI</i>	cerimônia da erva-mate
<i>KANJIKA</i>	canjica
<i>KUA-REGUA</i>	anel
<i>KUMANDA CARIOCA</i>	feijão carioca
<i>KUMANDA CAVALO</i>	feijão cavalo
<i>KUMANDA HUU</i>	feijão preto
<i>KYRINGUE</i>	crianças
<i>MA'ETYA</i>	agricultura
<i>MANJI'O</i>	mandioca
<i>MBEJU</i>	tipo de panqueca feito de fubá
<i>MBOJAPE</i>	bolinho feito de milho socado
<i>MBOJAPE</i>	pão feito na panela ou bolinho assado na cinza feito de farinha de trigo (muito preparado pelos <i>mbya</i> hoje)

<i>MBYTA</i>	bolo feito de milho verde ralado, assado (pamonha)
<i>MENDAA</i>	casamento
<i>NAMBIXA</i>	brinco
<i>NHANDEROPY'I</i>	nossa casa de reza
<i>NHANDERU</i>	nosso Pai Supremo, Deus Criador
<i>NHEMONGARAI</i>	batismo do <i>nhe' e</i> , espírito, para receber o nome
<i>OPY'I</i>	casa de reza, onde são praticados rituais como dança, canto e também é um espaço de cura
<i>PETYNGUA</i>	cachimbo sagrado que traz a conexão para as falas sagradas, é utilizado nas cerimônias e também é utilizado para curar as pessoas
<i>POAPY-REGUA</i>	pulseira
<i>REVIRO</i>	virado com massa de farinha de trigo
<i>RORA</i>	farofa de milho socado ou fubá (quando se coloca sal)
<i>TAKUA</i>	taquara
<i>TAKUAETE' I</i>	taquarinha
<i>TAKUA-REMBO</i>	criciúma
<i>TAPIXI</i>	lebre
<i>TEKOA</i>	aldeia ou comunidade
<i>TEMBI'U REGUA</i>	comidas típicas
<i>VARAI' I</i>	cestinhas
<i>VARAI-PARA' I</i>	cestaria
<i>VIRADO</i>	feijão com farinha de milho
<i>VY'AA</i>	festa
<i>XAMOI</i>	forma geral para falar de ancião, sábio, conhecedor da cultura (para os <i>jurua</i> é "pajé")
<i>XIPA</i>	bolinho feito de farinha de trigo frito
<i>XO'O MBIXY</i>	carne assada
<i>YAKUA' I</i>	pequenos porongos
<i>YRUPE</i>	peneira
<i>YVYRA</i>	árvore

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Nhembo’ e aty</i> – Colégio Estadual Indígena Carlos Alberto Cabreira Machado.....	23
Figura 2 – <i>Petyngua</i> – Cachimbo Sagrado.....	26
Figura 3 – <i>Iraity guembepi há’ e takua-ruxu</i> – material utilizado para efetuar o artesanato, taquarinhas.....	28
Figura 4 – <i>Mba’ emo para</i> – artesanato Guarani <i>Mbya</i>	30
Figura 5 – <i>Poapy régua miçanga guigua</i> – artesanato Guarani <i>Mbya</i> com miçangas	31
Figura 6 – <i>Xamoi</i> (chefe espiritual dos Guarani <i>Mbya</i>).....	33
Figura 7 – <i>Ijypy uguapy oiny va’ e ma tembiapo apoa</i> - Jovens Guarani <i>Mbya</i>	34
Figura 8 – <i>Tembiapo ombopara va’ e</i>	35
Figura 9 – <i>Tembiapo apoa</i>	37
Figura 10 – <i>Tembiapo apoa</i>	38
Figura 11 – <i>Tembiapo opoa</i>	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.2	JUSTIFICATIVA	17
2	O JEITO GUARANI <i>MBYA</i> DE SER NO RIO DA LEBRE	20
3	ASPECTOS HISTÓRICOS DA ALDEIA DO RIO DA LEBRE.....	24
4	O ARTESANATO EM PERIGO COM AS QUEIMADAS E O DESMATAMENTO	27
5	A PESQUISA NA ALDEIA A RESPEITO DO ARTESANADO: CESTARIA	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar o jeito de viver dos Guarani *Mbya* e analisar os problemas atuais na comunidade Guarani *Mbya* do Rio da Lebre. Quais as causas e as circunstâncias que estão levando os jovens indígenas Guarani *Mbya* a não praticarem mais o artesanato da cestaria? Pois na comunidade do Rio da Lebre, na Terra Indígena Rio das Cobras, em Nova Laranjeiras/PR, há poucas pessoas que fazem, que praticam o artesanato da cestaria. Atualmente, com a tecnologia avançada, a tendência é que a cestaria não seja mais praticada pelas próximas gerações. Porém, a ideia é buscar, estudar e registrar a sua importância e o que ela representa para os Guarani *Mbya*.

Também a finalidade da pesquisa é demonstrar os problemas encontrados com relação a cestaria. Buscar um meio de mostrar, na prática, que precisa ser fortalecido o artesanato (*varai para'î*), que vem de nossos ancestrais e também é uma expressão da nossa identidade cultural.

O trabalho é desenvolvido em quatro eixos. No primeiro, trato da comunidade, de suas características, do jeito de ser atual Guarani *Mbya*, da agricultura, das comidas típicas, do casamento, do cacicado, da casa de reza, das festas, da importância da ancestralidade e das crianças *mbya*.

Na sequência, apresento aspectos históricos da aldeia do Rio da Lebre, sua memória, seus fatos históricos, a criação da aldeia.

Após, apresento o que significam as queimadas, o desmatamento para a comunidade Guarani *Mbya*, a destruição da natureza e dos materiais utilizados para fazer o artesanato de cestaria.

E, por fim, no quinto capítulo, apresento seis entrevistas realizadas na comunidade. São seis artesãos que realizam o trabalho do artesanato da cestaria. O exame das entrevistas será efetuado mediante a análise de conteúdo, conforme Laurence Bardin (2011). Também realizei visitas em todas as casas da comunidade, para averiguar quem faz artesanatos.

A metodologia é qualitativa, com revisão bibliográfica, seis entrevistas semiestruturadas com pessoas da comunidade que praticam este artesanato, em um estudo de caso, assim como visitas em todas as casas da comunidade, para averiguar quem faz artesanatos, como observação participante.

Silva (2005 apud CÂMARA, 2013) compreende a aplicação da técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais como uma ferramenta importante à interpretação das percepções dos atores sociais.

Os objetivos gerais denotam mostrar a realidade do que está acontecendo com relação à cestaria Guarani *Mbya*; conscientizar os educandos e educadores de que o tema abordado da cestaria precisa ser fortalecido; proporcionar aos educandos uma reflexão do tema trabalhado, o qual traz fatores importantes a serem discutidos e pensados dentro e fora do espaço escolar, trazendo o artesanato para a realidade dos jovens que frequentam a escola; destacar a relevância do tema trabalhado e buscar elementos, para ter oficinas de artesanato de cestaria Guarani, assim como métodos para fortalecer a história e a cultura milenar dos Guarani *Mbya*.

Já nos objetivos específicos há necessidade de analisar a cestaria *Mbya*, o porquê de os guaranis da comunidade Rio da Lebre estarem deixando de confeccionar o artesanato da cestaria; verificar quais os problemas encontrados; buscar quais as formas de ensino e métodos que podem ser utilizados com relação à cestaria, na prática, oferecendo oficinas para os educandos na escola guarani, a fim de fortalecer, entender e perpetuar esse conhecimento nosso milenar.

1.2 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema veio crescendo pelo fato de vivenciar e observar os problemas, as causas que se encontram presentes no cotidiano da comunidade Guarani *Mbya* do Rio da Lebre, com relação à cestaria. Este trabalho tem o intuito de mostrar que a cestaria está se perdendo. Analisando a aldeia, verifico que nenhuma criança *Mbya* aprendeu a fazer *varai para`i* porque não está sendo ensinada, a tradição não está passando dos pais para os filhos. Porém, neste trabalho será mais um local em que os saberes dos artesões Guarani *Mbya* da comunidade ficam registrados. Acredito que, futuramente, possa representar para os mais novos membros Guarani *Mbya* uma forma de resistência ou de mudança.

É importante ressaltar que este trabalho da cestaria será um material que contribuirá para a comunidade no futuro. Pois, percebe-se que na *tekoa* (aldeia) a tendência é de que as matérias primas possam desaparecer e chegar a ser insustentáveis pela devastação ambiental, que está ocorrendo a cada ano que passa, na Terra Indígena Rio das Cobras.

É importante a observação de Martins (2018, p. 47) de que

As mulheres não aceitam mais as formas de trabalho do modelo econômico hegemônico para a agricultura que tem sido implantado no país. Principalmente as mulheres que tem o contato direto com o agrotóxico, nas plantações de frutas, cana de açúcar e da soja denunciam o mal causado para saúde de todos que consomem esses alimentos.

Moro na aldeia do Rio do Lebre, onde me criei, casei e tenho meus filhos. Tenho orgulho de fazer parte da nação Guarani *Mbya*, descendente de um tronco milenar deste Brasil, sou uma descendente dos Povos Originários desta terra.

Estudo no curso Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), em Laranjeiras do Sul, no Paraná.

Eu nasci quando meus pais moravam na missão, local onde os missionários davam assistência e trabalho para eles e para outros moradores. Hoje moram lá os Kaingang, no Município de Nova Laranjeiras/PR. Eu nasci em 1990, mas, aos 4 meses de idade, meus pais vieram embora para a aldeia do Rio da Lebre, trazendo meus dois irmãos mais velhos. Desde então, permaneci

morando, até hoje, neste lugar. Sou mãe de três filhos. Meu pai é Guarani *Mbya*, minha mãe é mestiça (branco com índio).

Comecei a estudar aos 6 anos de idade, numa escolinha na qual a missão dava assistência para os alunos. Nessa “escolinha de classe”, como era chamada naquela época, estudávamos alunos de 6 a 13 anos; o professor era um guarani que morava na comunidade e era o monitor da igreja. O professor guarani ensinava somente a língua materna guarani. Os castigos aplicados eram reguadas nas mãos, puxões de orelha, castigo no canto da sala de aula até terminar o horário de aula e o castigo de escrever 10 ou 20 vezes a mesma frase, conforme o professor pedia.

Alfabetizei-me somente na língua guarani a ler a escrever. No ano seguinte, comecei a estudar na escola que já estava pronta, numa sala multisseriada, tinha somente uma professora e uma merendeira não indígena. Neste período, já com uma professora não indígena, começou o desafio de aprender a falar a segunda língua (português) e me alfabetizar em português. Quando cheguei no ensino fundamental, no ano de 2002, estudei no Colégio Nestor da Silva, junto com alunos *Kaingang*. Não consegui ter um bom desenvolvimento de ensino e aprendizagem, mesmo assim passei para ensino médio.

Quando passei para ensino médio em 2006, fiz o magistério em Laranjeiras do Sul/PR, estudei alguns meses com alunos brancos, mas não consegui acompanhar as aulas porque não compreendia o português. Fui bastante ignorada pela maioria, poucos conversavam comigo, me sentia tão inferior aos *jurua* (brancos). Desse modo, acabei desistindo, não porque eu queria desistir, mas naquele momento entendia apenas o português básico. Não entendia e não compreendia os conteúdos que os professores explicavam e desisti de estudar sem aprender nada.

Parei de estudar por 3 anos e, após, voltei estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na escola localizada na aldeia. No mesmo ano, fui chamada para ser professora da língua materna na escola. Como professora, comecei a falar mais e praticando todos os dias, foi importante para o meu desenvolvimento de aprender a me expressar, assim eu já estava conseguindo acompanhar o professor nos conteúdos e concluí o ensino médio em 2011. Continuei como professora de língua materna até 2013.

Em 2014, entrei para estudar como acadêmica da UFFS em Laranjeiras do Sul/PR. Entrei sem conhecer muito o curso e o que eu estava fazendo lá. Esta etapa foi de superação, em que chorei muito sem saber como fazer um trabalho, um relatório, uma apresentação de trabalho. Porém, fiz diversas amizades, conheci um pouco o mundo dos *juruas* (não indígenas). Mas, ainda como estudante não consegui ter o avanço que eu queria e esperava, me esforcei para compreender o que se passava. Estava a ponto de desistir do curso, mas, com apoio dos professores, dos colegas e da minha família, continuei mesmo com dificuldades. Após 4 anos em sala de aula comecei a entender o que o curso estava ensinando e passando, então, valeu esse esforço. Sou grata por este curso ter aberto a porta para que eu pudesse compreender e ver muitas coisas que acontecem e que são inaceitáveis.

Sou da primeira turma de Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas da UFFS, do campus Laranjeiras do Sul/PR, e estou aos poucos terminando o curso que comecei. Quero ser exemplo de superação e conquista e dar continuidade aos trabalhos que realizo junto à comunidade Guarani *Mbya* que admiro, e assim cada vez buscar mais saberes e conhecimentos, para ajudar a comunidade. Sou a primeira acadêmica indígena Guarani *Mbya* da *tekoa* (aldeia), assim como sou a única *Mbya* da turma na qual iniciei o curso.

2 O JEITO GUARANI *MBYA* DE SER NO RIO DA LEBRE

Sou Guarani *Mbya* e estou na Aldeia Rio da Lebre há trinta anos. A aldeia fica a 20km do Município de Nova Laranjeiras, pertencente à Terra Indígena Rio das Cobras, situada no estado do Paraná. Atualmente, sou dona de casa e estudante da UFFS; na comunidade, faço parte da Diretoria da Associação Comunitária *Tapixi*.

A comunidade *Tapixi* tem aproximadamente dezoito mil hectares, sendo que a maior parte é coberta por soja ao redor da comunidade. Lá, moram 70 famílias, aproximadamente 210 pessoas: 71 crianças de 0 a 10 anos.

O jeito de ser Guarani *Mbya* atual demonstra que os guaranis que habitam na *tekoa* (aldeia) estão e são diferentes no seu modo de ser, como consequência da aculturação que todos os indígenas sofrem hoje no seu modo de viver, pelas mudanças contínuas nas sociedades dos brancos.

As famílias, na sua maioria, moram em casas de material e madeira, algumas moram na casa feito de *yvyra* (madeira) Em todos os sentidos os guaranis *Mbya* mudaram, principalmente na forma de pensar e de ver os acontecimentos. Por outro lado, vários costumes permanecem vivos e são praticados pelos *Mbya* na comunidade, como por exemplo frequentar a *opy'i* (casa de reza), canta, fazer batismo como *ka'a nhemongarai, ei 'i / mbojape' i* (são rituais muito importantes e sagrados), fumar *pentyngua* (cachimbo sagrado) e trabalhar de modo coletivo.

Ma'etya (Agricultura) Os *mbya* plantam cada *ara pyau* (primavera). Plantam milho *avaxi ete'i, avaxi tupi, avaxi xii, avaxi jukaa revê gua, kumanda huu, kumanda carioca*, kumanda cavalo entre outros. Portanto, o cultivo que acontece é para o consumo e a venda, porque os *mbya* já não sobrevivem somente da agricultura. Necessita-se de outros alimentos que fazem parte da alimentação do dia a dia, como farinha de trigo, farinha de milho, fubá, arroz, açúcar e macarrão. Ressalto que *kumanda* que *nhanderu* (Deus) deixou para os guaranis se alimentarem consiste em feijão natural do mato, o qual não é plantado e hoje raramente se vê, quase ninguém mais come, somente algumas pessoas. São feijões de 2 tipos: *kumanda xa'i hu' i e kumanda pyta' i*.

Tembi'u régua (comidas típicas). As comidas típicas não são mais preparadas hoje. As mulheres que ainda sabem e fazem são as anciãs da

comunidade. Está se perdendo o hábito de comer comidas tradicionais. Ainda são feitas *mbyta* (pamonha), *mbojape*, *kanjika* (canjica), *avaxi ku'i* (milho torrado e socado). Para alimentação do dia a dia, hoje são utilizados produtos industrializados como para fazer *xipa* feito de farinha de trigo frito, *mbojape* bolinho feito de farinha de trigo assado na cinza, *reviro* tipo de virado feito de farinha de trigo, *hu'i xi* tipo de farofa feito de fubá, *mbeju*, *virado*, *rora*, *maji'o* assado e cozido, *jety mbixy* na cinza e cozido, *avaxi mbixy* e cozido, *xo'o mbixi* com pão que *jurua* (não-indígena) faz, *rora* e *manji' o*.

Mendaa régua (o casamento) O casamento na *tekoa* (aldeia) acontece naturalmente quando a mulher e o homem gostam um do outro. O cacique faz o casamento. Além dos pais, outras pessoas podem estar presentes. Quando há uma separação, novamente é realizada uma conversa com o casal para tentar ajudar e solucionar o problema. Mas, também acontece dos mais jovens muitas vezes separarem e depois reatarem o casamento, após um tempo. Quando é uma família grande que quer se separar, o cacique conversa, mas não força a mulher a continuar casada com o homem contra a vontade e não a impede de exigir do pai os direitos da criança, como pensão alimentícia; também não impede o pai de visitar os filhos. Hoje, tanto a mulher como o homem podem se casar com *Kaingang* ou *jurua*(não-indígena), porém, quando se casar com um *jurua*, a mulher deve morar fora da *tekoa*. Porém, quando um *Kaingang* e uma guarani se casam, podem morar na *tekoa* (aldeia). Neste caso, o cacique e toda a comunidade exigem que o casal respeite as regras internas da comunidade a partir do momento em que moram na aldeia.

Huvixa régua (cacique). Para assumir o papel de *huvixa* é convocada uma assembleia. As pessoas são escolhidas ou, quando há dois candidatos/a, a comunidade coloca os motivos da escolha de um ou de outro, isso é discutido civilizadamente. Geralmente, a escolha é pelo bom comportamento e pela amizade. Após quatro anos do mandato, novamente é realizada uma assembleia para decidir se continua ou troca de *huvixa*. O papel do cacique dentro da *tekoa* é organizar a comunidade, buscar melhorias para comunidade, beneficiando a todos. Como exemplos: projetos de horta, aviário, aquicultura, agroflorestas. O líder também tem o papel importante dentro do espaço escolar de sua comunidade de tomar decisões e exigir que os educandos tenham uma educação de qualidade.

Opy'i régua (casa de reza). Tendo em vista que na *tekoa* tem uma divisão de famílias entre a igreja evangélica do Cristianismo Decidido e a *opy'i* (casa de reza dos Guaranis) que as famílias seguem. Ou seja, as famílias que seguem a igreja evangélica não participam das rezas da *opy'i*. As famílias que seguem *opy'i* não participam da igreja evangélica. São simultâneas as participações religiosas na *tekoa*, entre as famílias. Na *tekoa* os *mbya* frequentam *nhanderopy'i* todas as noites, algumas noites não cantam, mais fumam *petyngua*. A *Opy'i* é um espaço sagrado, mesmo após milênios ela é preservada. Em resumo, *opy'i* é a força dos *mbya* para continuarem a ser o que são. A Igreja Evangélica do Cristianismo Decidido é uma religião que tem famílias frequentando, aos domingos, os cultos. Também há somente *um por cento (1%)* das famílias que não frequentam nenhuma religião.

Vy'aa régua (festa). Na comunidade acontece comemoração do dia do índio, todos os anos, no dia 19 de abril. Na escola, os professores fazem ensaios antecipadamente com alunos para realizar apresentações no dia da festa, mas a maioria das apresentações das danças, brincadeiras e músicas não são voltadas à cultura Guarani *Mbya*. As vestimentas, pintura e símbolos são relevantes para a nossa cultura. Para realizar uma festa, todos os funcionários da escola fazem contribuições. Em 2019, a data de festa mudou para ser comemorada a cada ano no dia 07 de julho, pois é o mês em que a primeira família Guarani *Mbya* veio morar na aldeia, ou seja, é comemorado o aniversário da aldeia Rio da Lebre.

Kyringue regua (crianças). Na comunidade, quando não tem aula na escola, ao amanhecer, já podemos ouvir as crianças brincando, ou seja, cedo de manhã, ao entardecer, até o anoitecer, as crianças de todas as idades ficam brincando, jogando bola, conversando embaixo das árvores e ouvindo músicas. Além disso, os troncos de arvores, terra, água, pedaços de madeiras se transformam em objetos de brinquedos ou de brincadeiras das crianças.

Os Guarani *Mbya* têm muito respeito pelos mais velhos, os anciãos, as pessoas antigas que transmitem nossa história, contando, oralmente, quem somos, de onde viemos, quais as nossas raízes, a cultura milenar, o porquê de fazermos o artesanato de cestaria de modo milenar.

Simone Weil (2001) afirma que o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural em uma coletividade, que conserva vivo certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

Na aldeia funciona o Colégio Estadual Indígena Carlos Alberto Cabreira Machado – Educação Infantil, Ensino Fundamental, Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio, situado na Rodovia PR 473, KM 11, na Terra Indígena de Rio das Cobras, Município de Nova Laranjeiras, no Paraná.

Ela está localizada a 8 km da Terra Indígena de Rio das Cobras e aproximadamente 40 km do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Laranjeiras do Sul/PR. Ela é mantida pelo Poder Público Estadual, administrado pela Secretaria da Educação do estado, atende alunos indígenas da etnia guarani, nos turnos matutino, vespertino e noturno. São 85 alunos distribuídos em nove turmas e uma turma no Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (Celem), com 22 alunos. Comporta uma direção, três pedagogas, quatro agentes educacionais I, dois agentes educacionais II e funciona com 30 professores.

Esta escola indígena não possui oficinas para ensinar o artesanato de cestaria guarani para as crianças e adolescentes. É necessário que se institua essas oficinas de cestaria, para que todos os guaranis conheçam sua arte milenar, também como meio de resistência de sua cultura.

Porém, além do conhecimento do jeito de ser Guarani *Mbya*, há necessidade de conhecer a história de como surgiu a aldeia do Rio da Lebre, no Município de Nova Laranjeiras, no Paraná.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ALDEIA DO RIO DA LEBRE

A Terra Indígena Rio da Lebre faz parte das Terras Indígenas Rio das Cobras, segundo dados de julho de 2017, da saúde indígena. A população total da Terra Indígena é de 2.631 pessoas, sendo 2.421 da etnia Kaingang e 210 da etnia guarani, no Município de Nova Laranjeiras/PR, de acordo com dados do sistema de saúde da aldeia.

Os pioneiros foram os membros da família Veríssimo, que, em 1966, vieram da Aldeia Mato Queimado, a qual antigamente pertencia ao local denominado Campo Novo e que hoje é o Município de Quedas do Iguaçu. Mais tarde desmembrou-se e, atualmente, está localizada no Município de Espigão Alto do Iguaçu; eles se instalaram na Vila Xagu, hoje Município de Nova Laranjeiras/PR.

Nesse mesmo ano, com a autorização do cacique da Terra Indígena Rio das Cobras, Artur Verissimo e sua família mudaram-se para a Comunidade Indígena Rio das Cobras, na Aldeia Indígena Rio da Lebre. Não demorou muito para que outras famílias guarani, também vieram de outras aldeias para ali se instalarem.

Conforme relatos dos professores e pessoas anciãs da comunidade, a Educação Escolar Indígena na T.I. Rio da Lebre teve início por volta de 1972, frequentada pelo público guarani atendido na comunidade Papagaio (os guaranis chamavam rio papagaio porque era o lugar onde as aves papagaio bebiam água) por professores não indígenas. Muitas dificuldades foram encontradas nessa época, não havia transporte para o deslocamento, não tinha merenda nem material didático, as turmas eram multisseriadas e sem diferenciação da educação dada aos não indígena.

O funcionamento da escola era de forma tradicional (reguada, grãos de milho e puxões de orelha). Como a merenda era precária, os alunos levavam de sua casa alimentos como batata doce, mandioca, amendoim e, no caminho, muitas vezes, colhiam frutos como guabiroba e coquinhos para o lanche.

Em 1976, retornou a educação para T.I. Rio da Lebre quando começou a funcionar a extensão da Escola Marechal Cândido Rondon, com a Resolução nº. 5.266/85 (PARANÁ, 1985), passando a ser denominada Escola Rural Indígena

Marechal Cândido Rondon – Extensão Rio da Lebre. Essa escola funcionava em uma sala particular, mantida pela Associação do Cristianismo Decidido (religião).

Havia 50 alunos em uma sala multisseriada. O primeiro professor a trabalhar ali foi o Pastor Milton Amorim, tendo como professor bilíngue Arlindo Veríssimo.

No início do ano de 1986, vieram para a comunidade Rio da Lebre o casal Pastor Roberto Ale e a Professora Sílvia Virgínia Ale. A escola passou, então, a atender alunos indígenas guarani e alunos não indígenas, os quais residiam nas proximidades da escola.

Na década de 1990, a Terra Indígena do Rio das Cobras, onde está situada a Terra Indígena de Rio da Lebre, tinha como chefe da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Carlos Alberto Cabreira Machado, o qual veio a falecer tragicamente em um acidente de trator, preparando as terras para o plantio. Sendo assim, a escola possui esse nome em homenagem a esse servidor público.

No ano de 1994, o chefe do Núcleo Regional de Educação de Guarapuava deu o parecer favorável à instalação da Escola Rural Municipal Carlos Alberto Cabreira Machado. Assim, em 22 de dezembro de 1994, o Município de Nova Laranjeiras passou a ser o mantenedor dessa escola.

Construiu-se uma escola que comportava 02 (duas) salas, 01 (uma) secretaria, 01 (um) saguão, 02 (dois) banheiros, 01 (uma) lavanderia, 01 (uma) cozinha juntamente com a sala para guardar produtos de limpeza; naquele momento a escola atendia 19 alunos indígenas, de 1ª a 4ª séries.

A partir de 2008, a Instituição de Ensino passou a ser denominada Escola Estadual Indígena Carlos Alberto Cabreira Machado – Ensino Fundamental das Séries Iniciais, e passa a ser mantida pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), através da Resolução n.º 5.445/08 (PARANÁ, 2008).

Hoje é utilizado o mesmo prédio, sendo 04 (quatro) salas de aulas que, de maneira improvisada, foram subdivididas em 02 (duas) cada sala, pois se fez necessário para atender a demanda, que contempla a Educação Infantil até o Ensino Médio, conforme Projeto Político Pedagógico da escola (PPP).

Atualmente, no Colégio Estadual Indígena Carlos Alberto Cabreira Machado, há 80 alunos matriculados, seu quadro funcional é composto por 30 professores, com 10 funcionários indígenas e 20 funcionários não indígenas. Os

professores indígenas utilizam a língua materna para se comunicar com seus alunos, porém, professores indígenas regentes são obrigados a falar as duas línguas guarani e português em sala de aula.

Figura 1 – Nhembo' e aty – Colégio Estadual Indígena Carlos Alberto Cabreira Machado



Fonte: Jaxuka Tekoa Tapixi (20 de agosto de 2021)

Porém, para conhecermos a cultura milenar Guarani *Mbya* há necessidade de entender o artesanato da cestaria, o perigo que corre de não mais existir. É assunto atual e relevante para a comunidade da aldeia do Rio da Lebre.

40 ARTESANATO EM PERIGO COM AS QUEIMADAS E O DESMATAMENTO

Nesse momento vou tratar de questões importantes para o artesanato da cestaria Guarani *Mbya* do Rio da Lebre, terra indígena do Rio das Cobras, Município de Nova Laranjeiras, no Paraná.

No passado, o artesanato era feito basicamente para uso próprio. Hoje, em uma situação de necessidade, o artesanato se tornou uma renda familiar para muitos indígenas. Por exemplo, no caso dos indígenas Kaingang, localizados na Terra Indígena Rio da Cobras, pode-se observar, principalmente na rodovia BR 277, mulheres e crianças Kaingang vendendo e fazendo artesanatos de várias formas e tamanhos e de alguma forma também estão representando a sua identidade étnica.

Cada povo originário tinha ou tem seu próprio jeito de distinguir algo que faz parte da sua cultura. As influências com relação à cultura foram inevitáveis pois os *jurua* (brancos) não tinham a compreensão de que os indígenas têm um modo de vida diferente do seu. A ideia equivocada que os brancos (*jurua*) colocaram a respeito dos indígenas, que não eram civilizados e não tinham cultura, ficou camuflada e prevalece ainda muito forte até a atualidade.

O povo Guarani *Mbya* se mantém em sua cultura milenar mesmo após ter sofrido imposições por parte da sociedade não indígena. Apesar de ter se modificado o jeito de ser e de viver, ainda permanecem os costumes que ainda são praticados como: *varai`i* para`i (cestaria); o batismo da erva mate (*ka`a nhemongaraí*), que é feito para dar o nome em guarani para as crianças e adultos; e o batismo do mel (*ei`i / mbojape`i*), que é um ritual que *nhanderu* deixou e ensinou antes da existência dos *nhende kuery* – por isso, esse ritual não será esquecido e estará vivo e sendo praticado pelos *mbya*, enquanto existir *nhande kuery*.

As crianças guaranis, no passado, viviam o seu modo de ser, até a chegada do *jurua*. Respeitava-se as regras do *nhandereko* (nosso modo de ser). Assim, tornava-se mais fácil aos pais passarem os conhecimentos e saberes dos Guarani *Mbya* aos filhos, inclusive o artesanato, por ser um trabalho de observação.

O artesanato, para Ballivián (2011), é o resultado do trabalho manual (feito à mão), com diversas finalidades: utilitárias, estéticas, artísticas, vinculadas à cultura, decorativas, tradicionais e religiosas. É uma expressão do saber acumulado através da arte, da criatividade e da habilidade.

No contexto atual da comunidade, analisando o modo de ser ou de pensar, poucos têm conhecimento de que o artesanato era uma atividade familiar no passado, que passava de geração em geração há milênios. Como afirma Ballivián

[o] artesanato é tradicionalmente, uma atividade de caráter familiar, na qual o artesão possui os meios de produção e trabalha junto com a família em todas as etapas da elaboração, desde o preparo da matéria-prima, até o acabamento final; ou seja, não há divisão de trabalho. Assim, o artesão ou artesã responde por todo o processo de transformação da matéria-prima em produto acabado. Mas, antes da fase de transformação, o artesão é também responsável pela seleção da matéria-prima a ser utilizada, assim como pela concepção do produto a ser elaborado. (Ballivián, 2011).

Desse modo, o intuito deste trabalho é trazer um pouco, ao presente, que o artesanato da cestaria não era somente uma atividade de caráter familiar, mas sim uma tradição cultural milenar. É importante ressaltar que os símbolos, os grafismos que constam nos artesanatos, todos têm uma finalidade.

Como afirma Silva (2015, p. 22) em seu trabalho de conclusão de curso, sobre o grafismo e os significados do artesanato da comunidade guarani da Linha Gengibre,

[a] simbologia inserida no grafismo e no artefato, não só transmite a tradição que vem sendo passado de geração em geração, como também de comunicar a comunidade envolvente através de uma mensagem simbólica. Por exemplo, o *Petyngua* (cachimbo), traz consigo diversas informações, significados e o sagrado, pois é um objeto de cura de doenças espirituais.

Os *Mbya* são considerados um grupo muito espiritual, até hoje, porque, de qualquer forma, estão sendo passadas e preservadas informações em relação do que é sagrado e o que representa para os *mbya*. Os mais velhos muitas vezes não percebem que estão fazendo isso, mas *Xamoi* sabe que tudo que eles passam vem do *nhanderu*. O *petyngua* (cachimbo) é um objeto sagrado que faz parte disso. Além dos *Xamoi* os *mbya* têm o hábito de fumar o seu cachimbo sagrado.

Figura 2 – *Petyngua* (cachimbo sagrado)

Fonte: Jaxuka Tekoa Tapixi (07 de agosto de 2021)

É importante ressaltar que a *opy'i* é um dos principais redutos que mantém os Guarani *Mbya* vivos na questão da religiosidade e resistência, onde o *Xamoi* oralmente dentro da *opy'i* passa muitas mensagens divinas, sonhos, conhecimentos e saberes que somente os guaranis conseguem entender e acreditar mesmo que para outros sejam coisas abstratas.

Além disso, através deste trabalho a respeito da cestaria, quero demonstrar que os maiores causadores do problema de os jovens não terem interesse pelo artesanato têm como exemplos: tecnologia, televisão, celular, futebol e a música, que substituí em todos os aspectos o tempo das crianças, assim como dos jovens guaranis.

Afirmo que a educação escolar é a segunda opção para os jovens guarani *mbya* estarem aprendendo e fortalecendo sua cultura, pois a escola tem um caráter de educação escolar indígena diferenciada para os povos originários. Por isso, o papel e o dever da escola é trazer para as crianças e jovens a melhor forma de ensino, incluindo a valorização de sua cultura, não só em conteúdo, assim como nas atividades práticas, as quais podem ser efetuadas mediante oficinas. Pode-se buscar recursos com projetos para inserir esses artesãos dentro do espaço escolar para estarem ensinando, na prática, aos alunos, a nossa cultura milenar.

Grupioni (2002, p.14), na obra “As Leis e a Educação Escolar Indígena”, esclarece que

Além do reconhecimento do direito dos índios de manterem sua identidade cultural, a Constituição de 1988 garante a eles, no artigo 210, o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, cabendo ao Estado proteger as manifestações das culturas indígenas. Esses dispositivos abriram a possibilidade para que a escola indígena se constitua num instrumento de valorização das línguas, dos saberes e das tradições indígenas, deixando de se restringir a um instrumento de imposição dos valores culturais da sociedade envolvente. Nesse processo, a cultura indígena, devidamente valorizada, deve ser a base para o conhecimento dos valores e das normas de outras culturas. A escola indígena poderá, então, desempenhar um importante e necessário papel no processo de autodeterminação desses povos.

Assim, como a escola foi implantada com a ideia de mudar tudo, podemos fazer o inverso, porque os indígenas têm a mesma capacidade de ensino aprendido, porém, um pouco mais lenta de um *jurua*, em razão das dificuldades de compreensão da língua portuguesa, que não é a sua língua materna. Há cinco séculos tentam exterminar a cultura indígena e não conseguiram fazer com toda as etnias.

Galvão (1953, n.p.) expõe que

No congresso de americanistas reunido em Nova Iorque no ano de 1949, sob o tema aculturação foram apresentadas apenas duas comunicações com referência ao Brasil. Uma, de Wagley, sobre a cultura do caboclo da Amazônia, e outra, de Willems, sobre o habitante rural, da região sul do país. O ameríndio é citado nesses estudos apenas como elemento que historicamente contribuiu para a atual configuração das respectivas culturas regionais. E' significativo o fato de essas duas comunicações, apresentadas no Congresso de maior interesse de estudos americanistas, se referirem à aculturação de populações rurais brasileiras. Porém, não somos nós quem deve decidir qual a “cultura” que eles devem seguir, e muito menos como irão manter suas tradições.

Os indígenas brasileiros aprenderam a falar a segunda língua, que é o português, enquanto os *juruas* somente aprenderam a falar algumas línguas indígenas. Temos em vista que podemos buscar formas e temos oportunidades para conseguir que atuais jovens indígenas e as futuras gerações tenham uma visão ampla do que acontece ao seu redor. Isto é uma esperança que prevalecerá em meio a tudo que está acontecendo e acontece com os indígenas na atualidade.

Ressaltando que a escola já está formando alunos pensantes e precisa formar cidadãos indígenas capazes de conviver, valorizar a sua cultura e contribuir tanto com o seu mundo como indígena quanto no mundo dos brancos.

Uma das causas da diminuição da prática do artesanato na comunidade é a falta de matérias-primas; outra causa é a dificuldade de fazer a venda, então os artesãos fazem o artesanato por encomendas dos interessados. Hoje, as famílias, na sua maioria, são beneficiárias do programa Bolsa Família, alguns funcionários, outras pensionistas; tem aqueles que recebem cestas básica da assistência social do Município de Nova Laranjeiras/PR; também há aposentados e alguns que trabalham, por dia, para os *jurua*. Tudo isso interfere nos trabalhos dos artesãos, assim como na cultura Guarani *Mbya*.

Os artesãos da comunidade Rio da Lebre estão comprando de outras pessoas que vão à procura de matéria-prima para o artesanato, principalmente do *guembepi*, nos lugares distantes da comunidade, pois não é mais encontrado no território onde a comunidade está localizada. *Takua rembo* é difícil de ser encontrada; o que ainda tem em alguns lugares é *takua-ruxu* e *takua ete'i Iraity* que são matérias-primas que os artesãos usam para fazer cestaria e outros artesanatos.

Figura 3 – *Iraity guembepi há'* e *takua-ruxu*



Fonte: Jaxuka (14 de maio de 2021)

O desmatamento é um problema que se estendeu por todo território do Rio das Cobras, afetando todos aqueles que fabricam artesanato da cestaria,

porque o desmatamento está acabando com a *takua*, que é a principal matéria-prima para a produção da cestaria.

Barbosa, Bustamante e Cisneros (2020, p. 11) explicam que:

As mulheres indígenas, camponesas, ribeirinhas, quilombolas, pescadoras, entre outras, têm assumido, no contexto histórico das lutas, um papel vital na defesa da terra, de seus territórios e de suas comunidades ameaçadas pelo novo padrão de acumulação. (...) De igual maneira, as mulheres têm se articulado à luta política dos movimentos camponeses e indígenas, entre outras organizações do campo, no questionamento dos impactos sociais e ambientais em seus territórios em decorrência do modelo exportador extrativista, exercendo um papel político fundamental no enfrentamento das grandes corporações.

Na comunidade Rio da Lebre, as nascentes de águas, as minas de águas, os poços estão secando, assim como está terminando a *takua*. Acontece também, quando as *takua* começam a brotar, fazem queimadas e, assim, elas não crescem. Nos lugares planos da mata fazem queimadas imensas para destocar para fazer plantios, tais como soja, milho e feijão. Também acontece muito o comércio de madeira no território indígena.

Geist e Lambin (2001 apud Arraes; Mariano; Simonassi, 2012) afirmam

Que as causas dos desmatamentos nas florestas tropicais não podem ser reduzidas a uma única variável pelo contrário, existem combinações de vários fatores que favorecem a degradação ambiental, tais como: a interação entre a expansão agrícola, o comércio de madeiras, crescimento populacional e a construção de estradas, das queimadas.

Ao pensarmos na valorização da cestaria, são necessárias, então, novas estratégias para conseguir o material para efetuar o artesanato, o que pode ser feito pela comunidade, pelas lideranças, pela Educação Escolar Indígena diferenciada e os educadores indígenas atuando para conscientizar a respeito dos cuidados que a mata necessita para continuar existindo. Ultimamente, um dos eficientes métodos na comunidade têm sido o diálogo constante com as pessoas e famílias a respeito das questões ambientais, do porquê de estar acabando esta matéria-prima.

Recentemente, um pequeno grupo de estudantes *mbya* da comunidade, busca colocar ideias, formas de como começar um trabalho para, aos poucos, ir conscientizando os Guarani *Mbya* a respeito da realidade em que se encontram, a cultura à qual pertencem. Mesmo sabendo que muitas coisas culturais são irreversíveis, buscam registrar no papel e continuam a estudar a este respeito.

Os *Mbya* Guarani respeitam muito as fases da lua para preparar ou fazer qualquer coisa que seja de matéria-prima ou de madeira, para fazer artesanato ou casa de madeira para ter duração e resistência por mais tempo.

Assim, Ladeira (2008, p. 173), no livro *Espaço Geográfico Guarani-Mbya: significado e constituição*, esclarece que

O artesanato pode sempre ser feito, desde que se tenha material preparado, por que em *jaxy pyau* (lua nova) não pode nunca cortar taquara. As casas também podem ser construídas em qualquer tempo, *ara yma* e *ara pyau*, respeitando-se as fases da lua não apropriadas para o corte de plantas e madeiras.

De todo modo, tudo que irá se fazer e se construir deve ser preparado no *jaxy-nhepytu* (lua minguante), que é a lua mais apropriada. Por exemplo, o *takua* assim como *guembepi* extraído no mato pelo artesão no *jaxy-nhepytu* é preparado nessa lua para não carunchar e quebrar fácil.

Após preparar tudo, fazem vários artesanatos, como *varai'i*, *guyrapa'i*, *yrupe*, *nambixa*, *kua-regua*, *poapy regua*, fazem tranças em canetas, pequenos porongos e vários outros tipos de artesanato.

Figura 4 – *Mba' emo para*



Fonte: Jaxuka, Tekoa Tapixi (10 de setembro de 2021)

O artesanato de madeira tem o mesmo processo de preparação na questão da lua. Atualmente, são poucas pessoas que sabem fazer. É uma tradição milenar do meu povo, que revela a resistência dos Guarani *Mbya* em proteger a sua cultura.

Na fabricação dos artesanatos culturais houve modificações profundas. Outra forma de se fazer artesanato é utilizando outros materiais, como miçangas e linha de pescar, pois esses materiais são mais fáceis de conseguir no comércio, sem depender da mata, porém que revela costumes dos *jurua*, nada têm a ver com a nossa tradição milenar. Mas, já se inseriu dentro da cultura guarani.

Ocorreram transformações no artesanato, que era realizado como cestaria (produtos da mata), e agora um grupo de mulheres realiza artesanato com miçangas (industrial). Assim como houve transformações no artesanato, foi também reduzido o tamanho do artesanato, atendendo a pedidos e buscando adequar-se às demandas da sociedade. Hoje são confeccionados em vários tamanhos e modelos, servindo para guardar roupas, lápis, giz, bijuterias, frutas, entre outros. Quando houve o primeiro impacto das culturas, isso já estava previsto, também pelo fato de a própria cultura ser dinâmica e estar em constante modificação.

Figura 5 – *Poapy régua miçanga guigua*



Fonte: Jaxuka (16 de agosto de 2021)

5 A PESQUISA NA ALDEIA A RESPEITO DO ARTESANADO: CESTARIA

Neste capítulo vou trazer as palavras das pessoas entrevistadas, a respeito de fazer ou não fazer artesanato Guarani *Mbya*. Foi assegurado o sigilo das pessoas entrevistadas.

O primeiro entrevistado, Arlindo (nome fictício), disse o seguinte:

Aprendi com 12 anos de idade a praticar, observando artesanato já feito, até os 23 anos trabalhei e sobrevivi com a venda de artesanato. Depois parei. Os *mbya* que estão com 20 a 30 anos não aprenderam porque os pais já não aprenderam quando eram crianças, então nem os filhos não aprenderão a praticar. Por isso, a escola passou a ser mais importante. Hoje todos falam que o futuro é estudar muito, isso foi um erro para *nhandereko*. A escola ensinou os *mbya* a ser individualista. Para quem é artesão de verdade não falta matéria-prima, pois vamos atrás para confeccionar. Estou sem fazer porque não vendo. Mas ainda quero fazer e mostrar para vocês *varai para' i* natural que é dos *mbya*. Quero lembrar que na realidade *ka' aguy* está acabando, *hetava' e kuery* (brancos) estão derrubando árvores que fornecem matéria-prima, além disso, por causa das queimadas e lavouras. Todos perderam interesse de querer fazer e aprender *varai para'i* há muito tempo, cerca de 30 a 40 anos atrás. Os mais jovens não irão aprender mais na prática, mas podem fazer trabalhos com artesãos que têm na aldeia, escrevendo a história da cestaria para vocês passar para os netos de vocês depois de nós, passarão também através de vocês para gerações futuras, não na prática, mas pelas histórias registradas. Tudo que fazemos com amor e respeito vale a pena porque traz alegria ao ver o trabalho finalizado.

Neste entrevistado há a reflexão a respeito do desrespeito com a natureza mediante o desmatamento e as queimadas, as quais incidem na destruição da matéria-prima utilizada para realizar o artesanato de cestaria *Mbya*. Ele também trouxe a realidade da escola que foi implantada na aldeia do Rio da Lebre, pelos brancos, trazendo o individualismo aos jovens, o que não é uma característica dos Guarani *Mbya*, que primam pelo sentimento coletivo.

Souza (2002) explica que o trabalho coletivo é ainda uma realidade em grupos guaranis atuais. Esse trabalho pode ser realizado por mutirão ou puxirão e pode ser dividido em: a) os trabalhos coletivos feitos para determinada pessoa; b) os destinados para a coletividade. Tais trabalhos devem ser interpretados como expressão da solidariedade de um grupo de vizinhança ou de um grupo local.

Figura 6 – *Xamoi tembiapo apoa*



Fonte: Jaxuka, Tekoa Tapixi (14 de novembro de 2020)

O segundo entrevistado, Ângelo, artesão, disse:

Apreni a fazer artesanato a partir de 13 anos de idade, hoje são poucas pessoas que continuam a fazer artesanatos, hoje em dia estão mais focados em estudos de outras coisas. Pois há outros meios para ganhar dinheiro. Os jovens de hoje não praticam atividades, porque os pais deixaram de praticar e não ensinam mais, por isso, a maioria não sabe e não têm conhecimento da importância e o valor que tem o artesanato. Eu, meu pai e minha mãe continuamos fazendo, vejo a importância dos artesanatos tradicionais; antigamente servia para uso do dia a dia e como fonte de renda para família. Futuramente devem buscar a união de todos, das lideranças, professores, comunidade, buscar recursos e projetos para desenvolver e realizar este trabalho'.

Na voz desse entrevistado Guarani *Mbya* demonstra-se o desejo de que a escola, as lideranças da aldeia, os professores e a comunidade busquem recursos, façam projetos para dar continuidade, ensinando o artesanato de cestaria para as gerações mais jovens.

Para Bonfim (2011), a dinâmica cultural dos indígenas Guarani *Mbya* baseia-se na preservação dessa identidade – entendida como “ser Guarani-Mbyá”; preservação que se dá pela perseverante transmissão, pela educação das suas tradições e de sua religião.

Os *Mbyá* mantêm uma unidade religiosa, linguística, e uma perseverança na manutenção de seus costumes e tradições que têm lhes permitido se reconhecerem com uma identidade própria; e nessa perseverança, o papel dos mais velhos, inclusive dos pajés (*Xamoi*) tem garantido, de certa maneira, tal manutenção (MARQUES *et al.*, 2014).

Figura 7 – *Ijypy oguapy oiny va' e ma tembiapo apoa*



Fonte: Jaxuka, Tekoa Tapixi (31 de agosto de 2021)

O terceiro entrevistado, Alcides, artesão, disse:

Aprendi a praticar com 14 anos de idade, observando meus pais e tias fazendo. Naquela época, todas as crianças aprendiam a praticar com 12 a 14 anos de idade. Era uma atividade do dia a dia porque era um costume, sempre tinha um tempo para praticar artesanato. O interesse foi acabando a partir do momento que teve um contato maior com *jurua* na aldeia, então tudo começa a mudar não somente no artesanato, mas em todos os sentidos. E quando foi implantada a escola, foi um mal para todos.

Ele ressalta que o interesse de fazer e praticar atividades que faziam parte da cultura foi diminuindo cada vez mais e hoje, tomou conta de tudo. Outro modo é que as matérias-primas estão acabando porque não tem mais mato, os *jurua* estão acabando com tudo, junto os próprios indígenas. E será muito difícil de voltar atrás. Mas, acredito nas pessoas que estão dando atenção para nossa cultura em fortalecer a história do artesanato coletando informações com as pessoas que ainda praticam, buscar uma forma para a história do artesanato permanecer viva.

Este entrevistado revela o que os autores denominam de aculturação. Bittar e Ferreira Junior (2000) e outros entendem que “[a] aculturação é o predomínio da cultura ocidental cristã na dominação do Novo Mundo”, como escreveu Darcy Ribeiro (1995, p. 59). Foi exercida, até 1759, por duas forças opostas: “de um lado, a dos colonos, à frente de seus negócios; do outro, a dos religiosos, à frente de suas missões” (RIBEIRO, 1995, p. 59).

Bernardi (2007, p. 113) entende que “[o]s contactos culturais causam as transformações no interior de uma cultura, por vias informais e formais, ocultas e patentes, dando lugar a fenómenos de encontro e desencontro, de aceitação e de recusa.”

A aculturação ocorre com o passar do tempo, pois essas mudanças exigem tempo, passam por caminhos tortuosos, com conflitos entre duas culturas diferentes. É uma maneira de negar a cultura do outro (indígena) e querer impor a cultura dos *juruá* (brancos), de maneira sutil ou escancarada. Em suma, a aculturação atua como uma força entre a memória e o esquecimento, como elemento de desconstrução de uma cultura (indígena), com a aplicação e assunção de uma outra cultura (dos brancos).

Figura 8 – *Tembiapo ombopara va’ e*



Fonte: Jaxuka Tekoa Tapixi (12 de agosto de 2021)

O quarto entrevistado, Sergio, relata:

Aprendi a praticar desde criança vendo meus pais praticando. O nosso tempo tudo era mais fácil de aprender a praticar artesanato porque não tinha televisão, celular, não jogavam bola. Atividade que se praticava no dia a dia era sempre sair cedo para o mato com meu pai para extrair *guembepi* da árvore, cortar taquara, lenha a gente fazia tudo que era para fazer. Hoje, o artesanato perdeu valor. Meus filhos não aprenderam a praticar nem a valorizar artesanato pois, desde início

não ensinei a praticar como não ensinei a darem valor, outro que eles não tiveram interesse em aprender. Além da escola, o que passou a ser mais importante são objetos e as brincadeiras dos *jurua*s que já aprendem a gostar desde muito cedo. Hoje as matérias primas também estão difíceis de conseguir porque acabaram com mato e a árvore que dava *guembepi*, *taqua-ete' i* só se encontra brotos, pelas queimadas que acontece, isso não deixa *taqua-ete' i* crescer e florescer. Particularmente se tivesse uma casa própria para fazer a venda dentro da aldeia eu gostaria de fazer tudo que sei, para mostrar a todos, antes de eu envelhecer. Todos aprenderão a dar valor para artesanato que é uma parte da nossa história, e continuo fazendo porque tenho prazer e gosto de ver o meu trabalho quando está pronto, é gratificante.

O entrevistado Sergio revela sua preocupação com a dificuldade de conseguir as matérias-primas para fazer o artesanato Guarani *Mbya*, pelas queimadas que destroem a natureza, assim como manifesta seu desejo de continuar a fazer, pois tem prazer e é gratificante realizar seu trabalho em madeira.

O filme “Uma Verdade Inconveniente: o que devemos fazer (e saber) sobre o aquecimento global”, dirigido por Davis Guggenheim e apresentado por Al Gore, apresenta as possíveis consequências do aquecimento global, mostrando os mitos e equívocos existentes em torno do tema, assim como as possíveis ações que podem ser feitas para amenizar e/ou evitar uma catástrofe climática. O aumento da temperatura traz consequências graves para todo o planeta, pois a retenção de calor na superfície terrestre pode influenciar fortemente o regime de chuvas e secas, afetando as plantações e florestas. (Costa, 2016).

Figura 9 – Tembiapo apoa



Fonte: : Jaxuka, Tekoa Tapixi (12 de setembro de 2021)

A quinta entrevistada, Sebastiana, disse:

Minha mãe me ensinou a praticar com 7 anos de idade, hoje continuo fazendo para uso próprio. As vezes tenho bastante *varai* e chaveiro de miçangas, mas o que falta é um espaço próprio dentro da comunidade para fazer a venda. O que é muito triste porque está acabando tudo *ka' aguy* porque estão fazendo muita lavoura e está secando a água, além das matérias-primas que são duas coisas importante para nós. A confecção de artesanato para sobrevivência com o trabalho de artesanato aqui na comunidade parou há muito tempo, há 20 a 30 anos, por isso, quem tem essa idade não aprenderam. A escola é a esperança para essas crianças aprenderem, isto partirá de vocês para conseguirem porque tenho certeza esses artesãos iriam contribuir para ensinar as crianças na escola. Eu lembro que quando eu estava estudando o professor ao invés de dar aula de educação física ele teve a ideia para alunos fazerem artesanato dentro da sala de aula. Isso foi muito bom eu ensinei outros colegas de sala, eu terminei o ensino fundamental na EJA há pouco tempo. É triste saber que hoje não valorizam e perderam interesse para aprender.

Na voz da entrevistada Sebastiana, ressalta-se que ela acredita na escola como força propulsora para que as crianças Guarani *Mbya* aprendam a fazer o artesanato de cestaria, mediante oficinas que podem ser ministradas por professores artesãos, que se encontram disponíveis para ensinar e continuar com essa arte milenar guarani. No seu depoimento, desponta o verbo esperar, explicado pelo educador Paulo Freire:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*; porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E esperança do verbo *esperar* não é esperança, é *espera*. *Esperançar* é se levantar, *esperançar* é ir atrás, *esperançar* é construir, *esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

Figura 10 – *Tembiapo apoa*



Fonte: Jaxuka, Tekoa Tapixi (10 de setembro de 2021)

O sexto entrevistado, Natalino, falou:

Eu aprendi com 7 anos de idade. Aprendi com meu tio observando como eles faziam. Comecei aprender a fazer artesanato de madeira, depois aprendi a fazer outros artesanatos. Mesmo que estamos do jeito de *jurua*, não podemos esquecer do *nhandereko* (do nosso modo de ser), e o artesanato é um desses. Hoje não é impossível ensinar para todas as idades, vai depender do interesse de cada um, também do artesão. Eu gostaria de fazer e vender porque eu preciso, nas necessidades em que todo mundo se encontra e também porque eu não tenho nenhum estudo. Só sei fazer artesanato e outro que sobrevivi vendendo artesanato quando morava em outra aldeia. O artesanato representa *nhenderu' i kuery* como animais, floresta porque tudo que se encontra na natureza, tem vida, por isso, não pode ser destruído tudo eles têm seu dono quem cuida, por isso que eles crescem.

Natalino faz o artesanato em madeira, com a representação de animais, da floresta, da natureza, aspectos muito importantes para os guaranis que traduzem a vida que não pode ser destruída. Salaria que não pode ser esquecido, o nosso modo de ser Guarani *Mbya*, o qual pelo artesanato é possível reviver e ter a memória de nossa cultura ancestral e ensiná-la para todas as idades. Também menciona a questão do artesanato dar a possibilidade de um aporte econômico, necessário para a sobrevivência.

Figura 11– *Tembiapo opoa*



Fonte: Jaxuka Tekoa Tapixi (05 de setembro de 2021)

Além das entrevistas, também realizei levantamento na comunidade, mediante visitas nas casas, como observação participante, com o seguinte resultado:

1. Nenhuma criança guarani foi identificada que faz ou aprendeu a fazer arte da cestaria;
2. Oito pessoas são artesãos em geral;
3. Cinco pessoas que praticam artesanato em madeira, mas nenhum dos filhos aprendeu ou faz na prática;
4. Foram identificadas doze mulheres que praticam artesanato de miçangas;

5. O total das pessoas que fabricam cestaria são sete pessoas: quatro mulheres e três homens;
6. Duas pessoas foram identificadas que fazem cesto cargueiro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi efetuado no sentido de compreender a importância do artesanato da cestaria para os Guarani *Mbya* ou as razões por que ele não está mais sendo feito pelos jovens, com a perda desse conhecimento artesanal milenar.

A metodologia constou de revisão bibliográfica, seis entrevistas semiestruturadas com pessoas que fazem esse artesanato com cestaria, miçangas e madeira, além de visitas nas casas da aldeia, para verificar quem faz artesanato. A análise de conteúdo foi efetuada conforme ensinamentos de Laurence Bardin (2011).

Inicialmente, apresentei a justificativa deste trabalho, por ser Guarani *Mbya*, morar nessa aldeia do Rio da Lebre, conhecer a comunidade e saber quem realiza os trabalhos com artesanato, os quais são parte de nossa cultura milenar.

No primeiro capítulo apresentei a comunidade Guarani *Mbya*, suas características, o jeito de ser e viver como um guarani na *tekoa* Rio da Lebre, na Terra Indígena Rio das Cobras, no Município de Nova Laranjeiras, no estado do Paraná. Na sequência, há o relato dos aspectos históricos da aldeia do Rio da Lebre, sua memória, a criação dessa aldeia.

Logo após, foi efetuada uma reflexão a respeito do artesanato cestaria guarani, as consequências do desmatamento, das queimadas e a falta de matéria-prima para o artesanato, assim como as mudanças ocorridas com as novas gerações com as transformações da cestaria com taquara para o artesanato com miçangas.

Decorrente da pesquisa, foram apresentadas as entrevistas efetuadas com seis indígenas Guarani *Mbya* a respeito do tema. Seis que fazem o artesanato com cestaria, madeira e miçangas no jeito Guarani *Mbya*, além do registro de visitas nas casas da aldeia, para verificar quem faz artesanato, mediante observação participante

Entendo que a cestaria (*varai para'i*) está deixando de ser importante porque os *mbya* da comunidade não mais conhecem o que faz parte da sua identidade cultural. Os pais que são artesãos não estão passando e ensinando

seus filhos, o que significa uma parte da cultura milenar que praticamente está se perdendo e não está sendo preservada.

Há necessidade de oficinas práticas de artesanato guarani na escola, como meio de ensinar às crianças e aos jovens essa prática cultural guarani, assim como servir como meio de resistência e sobrevivência da nossa cultura milenar.

Fizeram-se presentes também a questão da aculturação, o desmatamento, as queimadas e a destruição do meio ambiente perto da aldeia. Também a importância de a escola ser dos indígenas Guarani *Mbya* e de ela propor oficinas, ensinando o artesanato da cestaria e em madeira para os mais jovens, como parte da cultura herdada de nossos ancestrais.

O trabalho coletivo obteve êxito como um legado e parte da vivência dos guaranis na atualidade, assim como manifestou-se o verbo esperar de Paulo Freire, de que as novas gerações possam aprender a fazer o artesanato, valorizando sua cultura, assim como aprendendo dos artesãos que se dispõem a ensinar e dar continuidade aos conhecimentos adquiridos dos anciãos.

Ao longo deste trabalho tive o prazer de descobrir que tenho muito a conhecer a respeito do *tembiapo* (artesanato), o seu verdadeiro significado para os Guarani *Mbya*. É o primeiro trabalho de pesquisa realizada dentro da comunidade aldeia Rio da Lebre. Isso trouxe um incentivo e esperança aos artesãos para voltarem a praticar mais e buscar uma forma de ensinar as crianças *mbya*.

Como uma Guarani *Mbya*, foi gratificante perceber e ver isso nos diálogos que tive com artesãos, foram marcantes esses encontros, falaram com orgulho do seu trabalho e demonstraram agradecimentos por estar sendo lembrados por alguém.

Este trabalho da cestaria é uma questão a ser realçada dentro da comunidade para dar início e buscar formas de inserir artesãos dentro do espaço escolar, como professores em oficinas. Como pesquisadora deste trabalho, vejo que há possibilidade de os professores indígenas, educandos e artesãos trabalharem juntos. Porém, será preciso apoio de todos para a realização desse trabalho brilhante de fortalecer o artesanato da cestaria, parte de nossa cultura milenar.

REFERÊNCIAS

- ARRAES, Ronaldo de Albuquerque; MARIANO, Francisca Zilania; SIMONASSI, Andrei Gomes. Causas do desmatamento no Brasil e seu ordenamento no contexto mundial. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 50, n.1, jan./mar. 2012.
- BALLIVIÁN, José M. Palazuelos (org.). **Artesanato Kaingang e Guarani: Territórios Indígenas – Região Sul**. Editora Oikos, 2011.
- BARBOSA, L. P.; BUSTAMANTE, M. O.; CISNEROS, A.C. Apresentação. O histórico caminhar das mulheres indígenas e camponesas na defesa dos territórios e dos bens comuns na América Latina. **O Público e O Privado**, Fortaleza, v. 18, n. 35, p. 09-16, jan-abr. 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70: Grupo Almedina. Edição revista e actualizada, 2011.
- BERNARDI, Bernardo. **Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos**. Lisboa: Edições 70, 2007 (1974).
- BITTAR, Marisa; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. Infância, catequese e aculturação no Brasil do século 16. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 81, n. 199, p. 452-463, set./dez. 2000.
- BONFIM, T. H. **Saúde mental e sofrimento psíquico de indígenas Guarani-Mbyá de São Paulo: um relato de experiência**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas as organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul./dez. 2013.
- COSTA, Aline Paula Alves da. GORE JR., A. A. UMA VERDADE INCONVENIENTE - O QUE VOCÊ PRECISA SABER (E FAZER) SOBRE O AQUECIMENTO GLOBAL. **Revista de Geografia**, Recife, v. 33, n. 1, 2016.
- GALVÃO, Eduardo. **Estudos sobre a aculturação dos grupos indígenas do Brasil**. (Museu Paraense Emílio Goeldi). Trabalho apresentado na 1ª reunião brasileira de antropologia, realizada no Rio de Janeiro, 1953.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Do nacional ao local, do federal ao estadual: as leis e a Educação Escolar Indígena. *In*: MEC - Ministério da Educação. **Legislação escolar indígena**. 2001.
- LADEIRA, Maria Ines. **Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso**. Maringá/PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008.

MARQUES, Daniela Filipa; SOUZA, Liliana Marques; VIZZOTTO, Marilia Martins; BONFIM, Tania Elena. A Vivência dos mais velhos em uma comunidade indígena Guarani Mbyá. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 415-427, 2014.

MARTINS, Y. V. **A formação da identidade política das mulheres camponesas: uma análise da marcha das margaridas**. 2018. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Ceará, Crateús Ceará, 2018.

PARANÁ. **Resolução 5.266/1985**. Define o nome da escola, para Escola Rural Indígena Marechal Cândido Rondon, extensão Rio da Lebre. 1985.

PARANÁ. **Resolução 5.445/2008**. Define o nome da Escola para: Escola Estadual Indígena Carlos Alberto Cabreira Machado. 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995. 470 p.

SILVA, Alexandrina da. **O GRAFISMO E SIGNIFICADOS DO ARTESANATO NA COMUNIDADE GUARANI DA LINHA GENGIBRE**. Trabalho de Conclusão de curso de Licenciatura Indígena Intercultural do Sul da Mata Atlântica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História da UFSC, Jan. 2015.

SOUZA, José Otávio Catafesto. O sistema econômico nas Sociedades Indígenas Guarani Pré-Coloniais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 211-253, dez. 2002.

WEIL, Simone. **O Enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.